



Revolta e revoluções

As Grandes Revoluções e as Civilizações da Modernidade ::: S. N. Eisenstadt ::: Ensaio ::: Edições 70 ::: 277 págs. ::: €16 ::: Nota 90%



Tomada da Bastilha na Revolução Francesa, que Luís XVI pensou ser "uma revolta"



Miguel Morgado:

Reza a lenda, e talvez a História, que quando La Rochefoucauld-Liancourt avisou Luís XVI de que os tumultos em Paris tinham levado à tomada da Bastilha, o Rei disse: "É, então, uma revolta." Ao que o duque respondeu: "Não, Sire, é uma revolução." A era moderna, a nossa era, nasceu com revoluções. E com revoluções lá foi persistindo. Eisenstadt é o homem que se reclama quando se quer estudar as revoluções enquanto fenómeno civilizacional e quando se quer fazer uma análise comparada das ditas.

Neste livro sobre as revoluções, excelentemente traduzido por Filipe Carreira da Silva, Eisenstadt vai além do esforço meritório de Crane Brinton, autor da célebre "Anatomia das Revoluções". Eisenstadt é mais abrangente e mais ambicioso. E de certa maneira supera o principal problema de Brinton, o de inconscientemente fazer da Revolução Francesa o arquétipo da revolução. Situa os vários fenóme-



nos revolucionários nos respectivos contextos civilizacionais, o que torna a análise mais complexa e mais profunda, mas ao mesmo tempo obriga a expandir a latitude do estudo, o que por vezes sujeita o rigor histórico a uma pressão acrescida.

Livros como "As Grandes Revoluções", que oferecem grandes narrativas integradoras de acontecimentos epocais, são sempre o prato favorito dos historiadores especializados nesses acontecimentos e que cultivam uma aversão refinada precisamente por essas grandes narrativas. Logo no início do livro, Eisenstadt diz de passagem que as "sementes" da proclamação da primazia do político feita pela Revolução Francesa estava já na "revolução puritana" inglesa de me-

dos do século XVII. Suspeito que um historiador especializado perguntaria: "Puritanos? Isso é capaz de ser um grupo mais heterogéneo do que o nome sugere..." E acrescentaria: "Assim de repente lembro-me de uns dois ou três grupos entre os 'puritanos' para os quais não era certamente o político, mas o divino, que deveria gozar de primazia."

Por um lado, a crítica destes historiadores é salutar, e eles não podem ser vistos como uns desmancha-prazeres mais ou menos invejosos. Mas também é preciso proteger os Eisenstadts desta vida dos menos imaginativos e menos ousados. Temos de os proteger dos "especialistas sem espírito", para citar as palavras imortais de Max Weber.

Só não valia a pena a editora afirmar na contracapa que a erudição histórica de Eisenstadt "só encontra paralelo em Max Weber". É que depois de Weber muita gente desfilou pela galeria dos eruditos. Mais: os bons livros coram quando as recomendações são excessivas. ■